
“PASSO A PASSO NO COMPASSO”: PRÁTICAS DE DIFERENCIAÇÃO DE GÊNEROS NOS FORRÓS EM BARAÚNA – PB

Janielly Souza dos Santos
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
janiellysouza@yahoo.com.br
Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
reginacoelli2@yahoo.com.br

Na busca incessante de abraçar um desejo¹, prendê-lo a minha vida, adentrei uma sala regida pelos acordes de um fole, a embalar movimentos de homens e mulheres de gerações diversas. Nas práticas do espaço observei negócios e prosas se desenrolarem no ‘botequim’ improvisado para aquela noite; no bailar do salão rapazes e moças iniciavam os ritos do namoro; para os namorados/noivos comprometidos a algum tempo, os planos para o casamento podiam ser anunciados naquele espaço; mais a fundo, na cozinha, algumas senhoras, mães de família, ao som do ‘tocadô’ e ao cheiro do café colocavam as conversas em dia.

Estas cenas e cenários se colocam aqui carregados de emoções a partir de memórias de sujeitos que experimentaram estas práticas do espaço no município de Baraúna – PB, nas décadas de 50 e 60 do século XX. Experiências do vivido produzidas diante de aparatos culturais de uma coletividade em uma temporalidade, e também por práticas de subjetivação individuais. Como nos atenta REIS (2009), “para indivíduos diferentes e mesmo para o mesmo indivíduo em condições diferentes, minutos, horas e dias metricamente idênticos não são vividos como iguais”². Neste âmbito, o tempo não atua igualmente nos diferentes sujeitos que o praticam, até mesmo um sujeito tem possibilidades de praticá-lo de maneiras diversas, dependendo das sensibilidades que se colocam a sua volta.

Nesta perspectiva, analisar a construção histórica e identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais dos forrós³ no espaço em questão pressupõe uma reflexão sobre a temporalidade escolhida, as formas de problematização e de trazê-la junto a produção deste trabalho.

¹ Desejo no que concerne a empatia com o tema, a pesquisa, bem como, a constituição da dissertação de mestrado.

² REIS, José Carlos. Tempo e História: Entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência, o tempo histórico: um “terceiro tempo”? In: _____. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 64.

³ No sentido de baile, samba, a festa em si, que tinha como principal instrumento o fole ou a sanfona.

Se pensarmos o município de Baraúna – PB nas décadas de 50 e 60, nos debruçaremos sobre um espaço basicamente rural, que os ícones da modernidade não encontraram um caminho muito acessível, a exemplo dos centros urbanos e/ou capitais do Brasil. Podemos perceber isso na não chegada da energia elétrica neste município. Contudo, alguns ruídos desta mesma modernidade proclamavam-se sutilmente no cotidiano dos sujeitos que habitaram neste município, o que propõe uma ambivalência. Este último caso, pode ser notado quando apesar do rádio não se configurar efetivamente neste espaço de vivência⁴, músicas como Chiquita Bacana⁵ adentravam as salas de forró pela voz e instrumentalização do ‘tocadô’ e/ou sanfoneiro, o que nos faz pensar que este último servia através de sua musicalidade como veículo de comunicação entre a população local e o restante do país.

No tocante a ter acesso a essa temporalidade, com o objetivo de problematizar as construções históricas deste período, principalmente no que concerne as relações de gênero, recorreremos a narrativas orais e memórias de sujeitos que vivenciaram estas experiências nos forrós, propondo relacionamentos diversos entre os gêneros.

Neste campo de ação, no trabalho com narrativas orais, do ponto de vista metodológica, num primeiro momento, convém observar que, os jovens de outrem produziram múltiplas identidades, que os adultos ou idosos de hoje negociam, construindo um complexo emaranhamento de significações, para si e para as narrativas que se inscrevem. Partindo desta perspectiva, DELGADO (2006) nos atenta, ao afirmar que “[...] entre os muitos desafios da história oral, destacam-se portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou ancião do tempo presente.”⁶

Neste âmbito, convém fazer emergir a narrativa do senhor J.G.S. sobre o pagamento pelo divertimento e/ou lazer⁷ nos forrós, possibilitando algumas reflexões,

⁴ Segundo o senhor J. G. S., “*num iexistia rádio, nesta época num iexistia rádio não senhora.*”

⁵ Chiquita Bacana foi uma composição carnavalesca, nascida em 1949, através dos compositores Braguinha, que ficou mais conhecido como João de Barro, e Alberto Ribeiro.

⁶ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.12.

⁷ “O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1976. p.34.

“Não, só pagava os zome, mulé não. Mulé vei pagá festa aqui quisso é muito errado, viu. Olha é muito errado esse negócio de numa festa [...] eu quero vê qual a festa que funciona sem tê mulhé. Num tem não, porquê intê mesmo uma currida de gado só vai se tive mulhé, né não?”

Na presente narrativa, observa-se que este senhor negocia os usos das temporalidades a partir de um lugar socialmente estabelecido. Ele na sua fala produz uma comparação de temporalidades distintas a partir de seu lugar hierárquico de provedor do divertimento. Deste modo, é importante refletir que nos usos das narrativas de memória confluem temporalidades diferentes. Como nos atenta ALBUQUERQUE JR. (2007), “a experiência estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente.”⁸

O conceito de experiência é manuseado, nestas reflexões, a partir de LARROSA (2004), quando este nos alerta para percebermos que “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma e nos transforma.”⁹

As narrativas orais enquanto experiências criam relações entre o passado e o presente; na medida em que o sujeito é transformado pelas experiências que vivenciou e vivencia não pode narrar o passado como ‘realmente foi’¹⁰, e por isso suas narrativas não devem ser apreendidas como ‘a verdade’, mas como possibilidades de análises.

Pensar a história, nesta concepção, é percebê-la como arte inventada por sujeitos que atuam no cotidiano, construindo saberes e significando-os em meio às metamorfoses que as experiências gestam. A história emerge como fabricação dos sujeitos a partir de suas narrativas, de suas linguagens construídas. O homem fabricado pelos saberes utiliza-se da linguagem para falar sobre si, narrar sobre si e sobre o(s) outro(s). O historiador e seus depoentes, neste sentido, narram, de formas diferentes, a si e aos outros, a partir de suas significações sobre o mundo, sobre a(s) cultura(s) que lhe cercam.

Neste âmbito, a história oral entra em cena enquanto arte, que se constrói pela própria “arte do dizer” e por suas análises, fazendo com que um leque de possibilidades se abra a

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 202.

⁹ LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: _____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 163.

¹⁰ “Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação.” ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p. 167.

leitura de corpos masculinos e femininos nos forrós. No momento em que os sujeitos narram trajetórias, ações valores, atores e enredos, acabam por (re)construir cenários de experiências, que os formaram e transformaram.

Quando se propõe narrativas orais de memórias entram em cena as experiências, as práticas carregadas de significados; neste âmbito, quando o historiador atua sobre elas ressignificam-nas, atribuindo novos conceitos e gestando a história. Segundo ALBUQUERQUE JR. (2007),

“Na memória *fica o que significa*, na História se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que, com seus conceitos, atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que esta sempre em busca de um novo sol para orientá-la.”¹¹

As memórias, neste campo de reflexão, devem ser percebidas pelas multiplicidades, sujeitas a constantes deslocamentos, seja, pelo narrador que faz uso da oralidade, seja, pelo historiador que faz uso da escrita. Ambos os personagens se colocam como sujeitos múltiplos das memórias.

O historiador, neste espaço de movimentação, assume outro papel, o de ‘colonizar’¹² as memórias através da escrita; e esta atuação exige muitos cuidados, pois os códigos escriturísticos podem deixar à margem os gestos e as afetividades que permeiam as memórias, que emergem pela oralidade.

Diante do exposto, trabalhar com as narrativas de memórias não se consolida em caminho fácil, reto, a ser seguido, mas em trajetórias tortuosas; porém, rica na medida em que estão em jogo os sujeitos sociais e culturais, suas significações sobre si e sobre o mundo que lhes cercou e lhes cerca. Neste âmbito, “[...] a história oral faz de sua (in)definição ou de sua (im)possibilidade o seu charme.”¹³ A pluralidade das significações das experiências em cada

¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gerar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 207.

¹² No sentido de instruir documentação, domesticar o passado.

¹³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 234.

sujeito se inscreve na linguagem, que mesmo depois de escrita, possibilita construir a História na sua multiplicidade, nos seus lances.¹⁴

Experiências narradas que demarcam relações de gêneros nos forrós.

Pensar os estudos de gênero no cenário da historiografia brasileira contemporânea é nos debruçarmos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange.¹⁵

Neste campo reflexivo RAGO¹⁶ (1998) nos atenta para a necessidade de problematizarmos as diferenças instituídas entre os gêneros, masculino e feminino, como fruto de construções históricas e culturais. MATOS¹⁷ (1998) analisa também esta possibilidade de reflexão, acrescentando a ela a observação de que estas diferenças não estão localizadas num ponto fixo – o masculino –, mas que estão presentes nas tramas históricas.

Diante destas considerações, problematizar a consolidação identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais, refletindo os lugares atribuídos historicamente ao homem e a mulher nas décadas de 50 e 60 do século XX em Baraúna – PB envolve esta possibilidade de desnaturalização das diferenças. Envolve ainda a dimensão relacional do gênero, na medida em que a sociabilidade cultural favorece a intensificação dos relacionamentos e das práticas de diferenciação.¹⁸

Partindo da perspectiva, que há uma busca de problematizar a construção identitária dos gêneros no processo de sociabilidade cultural, convém analisar o conceito de identidade.

¹⁴ “Tanto a história vivida quanto a história escrita seriam testemunhas da capacidade infinita dos homens de imaginar novos lances, novas metas, novos sentidos para suas próprias vidas.” ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A História em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia*. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 171.

¹⁵ Nesta perspectiva “um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.” In: STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007. p.16.

¹⁶ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

¹⁷ MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

¹⁸ “Neste contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os [...]” MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.16.

Em um primeiro momento, é interessante perceber que a identidade, assim como o gênero, não se propõe exatamente pela afirmação da unidade, mas no contexto das diferenças. De acordo com HALL (2000), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.”¹⁹ Num segundo momento, assim como na categoria de gênero, é na relação com o outro que a identidade pode ser construída.

Deste modo, na relação homem e mulher, e na construção das diferenças destes gêneros está presente o processo identitário. Historicamente vai se produzindo propostas comportamentais de como se deve ser o homem e de como se deve ser a mulher; nos espaços de sociabilidades culturais não é diferente. Os códigos comportamentais são anunciados pelas diferenças, o gênero masculino deve portar-se de determinada forma – no forró o homem deve pagar a ‘cota’²⁰ – e o gênero feminino deve portar-se de outra – a mulher no forró não pode dar ‘corte’²¹ no cavaleiro. Neste âmbito do relacional e das diferenças a identidade é gestada.

Todavia, a identidade não deve ser percebida como algo fixo, que se quer ajustar. A identidade se coloca pela fragmentação, pela fratura, pela multiplicidade.²² O homem no forró podia fugir, ou tentar, do mestre-sala, trocando uma peça da vestimenta, com o objetivo de não pagar a ‘cota’; a mulher poderia pisar no pé do cavaleiro para que ele não dançasse mais com ela.

Neste sentido, é interessante percebermos dois conceitos em CERTEAU (2007), o de lugar e o de espaço.²³ O lugar estaria para o instituído, o planejado. O forró enquanto baile a ser realizado é um lugar. Já o espaço se configura em lugar praticado, jogo das relações mutáveis. Os usos do forró pelos sujeitos que o produzem, o transformaram em espaço, em lugar praticado, onde o inesperado, muitas vezes, impera.

No seguimento deste caminho rumo à construção de um trabalho histórico sobre os forrós e as relações de gênero, convém ainda pensar o uso das sensibilidades na História. No

¹⁹ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.110.

²⁰ Quantia em dinheiro paga pelos homens ao mestre-sala, organizador do forró, destinada a pagar o ‘tocadô’ e/ou sanfoneiro.

²¹ “Agora só que tinha uma coisa, que a gente não podia dá corte em cavaleiro, é, se desse um corte num cavaleiro ficava logo num canto de parede, lá [...] que num dançava mais não, tinha que dançá, que gostasse bem, que num gostasse tinha que enfrentar.” (J.M.N.)

²² “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas.” HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.13.

²³ CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: _____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 201-103.

momento em que a História Cultural trouxe para os domínios da História a problemática das subjetividades, as sensibilidades passaram a ser preocupação do historiador. São através delas, e de uma re-educação do olhar dos historiadores que os sentimentos, afetividades de uma temporalidade muitas vezes já escoada podem emergir, juntamente com os códigos e valores que fizeram parte de um cotidiano passado de uma coletividade/individualidade. PESAVENTO (2005) nos propõe que “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.”²⁴

As sensibilidades que se exprimem em gestos, palavras, imagens, sentimentos, estão intimamente ligadas às memórias²⁵, e ambas ao serem narradas proclamam um outro tempo e um outro no tempo, proclamam ainda “um espécie de leitura da alma.”²⁶ Leituras que nos ajudam na produção deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 agosto 2010.p. 2.

²⁵ Aqui memória aparece como um conceito plural, podendo ser proclamada por um cheiro, um som, uma roupa, uma fotografia etc.; possibilidades de pensar as experiências do vivido.

²⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 14.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: _____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 151-165.

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.9-21.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. URL : <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 agosto 2010.p. 2.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

REIS, José Carlos. Tempo e História: Entre o tempo cosmológico e o tempo da consciência, o tempo histórico: um “terceiro tempo”? In: _____. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 59-97.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.